



Rede  
Menonita

Agência de Missão da  
Igreja Menonita USA

Juntos, compartilhando a totalidade de Cristo em toda sua criação

# Missio Dei

Explorando a obra de Deus no Mundo ■ Número 18

## O que é um cristão anabatista?



Editor da série  
James R. Krabill

*Missio Dei* é publicado pela Rede Menonita de Missões, e é um convite para refletir e dialogar sobre a missão de Deus em nossos dias. Algumas características da série focalizam primariamente os fundamentos bíblicos e teológicos da obra missionária. Outras apresentam estudos de casos ou histórias pessoais de tentativas de ser fiel ao chamado de Cristo. Perspectivas representadas refletem a paixão e compromisso da agência: de declarar em palavra e demonstrar em vida o evangelho integral de Jesus Cristo, “do outro lado da rua, através de todos os mercados e ao redor do mundo.”

Diretor Executivo/CEO:	Stanley W. Green
Editor:	James R. Krabill
Conteúdo Editorial:	Karen Hallis Ritchie
Desenho:	Rebeka Moeljono
Editor Consultivo:	Paula Killough
Produção:	Brenda Hess
Tradução:	Fábio Arruda Massarotto
Diagramação:	Hans Gerhard Peters

Copyright © 2008 by Mennonite Mission Network, PO Box 370, Elkhart, IN 46515-0370. What is an Anabaptist Christian?, Palmer Becker. Edição Revisada, 2010.

A Rede Menonita de Missões (Mennonite Mission Network), agência missionária da Igreja Menonita dos EUA, existe para guiar, mobilizar e equipar a igreja a participar no testemunho holístico a Jesus Cristo, num mundo quebrado. Com escritórios em Elkhart, Ind.; Newton, Kan.; e Harrisonburg, Va.; a Rede de Missões apoia ministérios em mais de 55 países e 31 Estados dos EUA.

Os materiais que aparecem em *Missio Dei* não podem ser impressos ou reproduzidos sem autorização por escrito.

*Impreso no Brasil.*

# O que significa ser um Cristão Anabatista?

Palmer Becker

## Introdução

Os cristãos com uma perspectiva anabatista de fé e vida existem desde o início da era cristã. Até mesmo hoje em dia, em aproximadamente cada grupo de igrejas e talvez em aproximadamente cada congregação, há pessoas que possuem o entendimento de fé cristã parecido com aqueles da tradição anabatista. Anabatista é uma maneira de ser cristão. Assim como há cristãos anglicanos, batistas e luteranos, há os cristãos anabatistas.

*Anabatista* é um nome inventado que significa *rebatizadores*. Foi dado aos cristãos do século XVI que viam pouco valor no batismo de crianças e, portanto, se batizavam quando adultos sob a confissão de fé. Esses cristãos anabatistas foram os precursores dos cristãos menonitas de hoje e de muitos outros da tradição da Igreja Livre.

Os cristãos anabatistas / menonitas possuem muitas crenças em comum com outros crentes. Eles creem em um Deus trino que é tanto santo quanto gracioso, na salvação pela graça por meio do arrependimento e fé, na humanidade e divindade de Jesus, na inspiração e autoridade das Escrituras, no poder do Espírito Santo e na igreja como o corpo de Cristo. Porém, eles frequentemente possuem essas convicções um pouco diferente dos outros.

Os anabatistas, às vezes, são identificados como a esquerda da Reforma Protestante. Eles surgiram em um tempo de agitação social e econômica e tinham a intenção de levar adiante a reforma iniciada por Martinho Lutero, Ulrich Zwingli e João Calvino. Os cristãos de uma perspectiva anabatista, durante a história, colocaram a ênfase em seguir Jesus em suas vidas diárias, em estar unidos em uma comunidade centrada em Cristo, e em procurar superar conflitos de forma pacífica. Você é um cristão com uma perspectiva anabatista?

Os principais reformadores nos levaram ao entendimento claro de que a salvação se dá somente por meio da fé e da graça, mas em muitos aspectos se limitaram às estruturas e pensamento empreendidos por Constantino e Agostinho nos séculos IV e V. Os cristãos menonitas, às vezes, têm se limitado meramente a procurar continuar o que foi iniciado por Menno Simons e os anabatistas do século XVI. Nós todos podemos aprender, com os vários movimentos de renovação, o que significava ser um cristão naquela época e naquela cultura. Finalmente, nós todos precisamos retornar a Jesus, o autor e fundador de nossa fé, para encontrarmos a base para o que significa ser cristão hoje em dia.

O problema do cristianismo não é necessariamente suas muitas denominações, mas a hesitação de suas partes em aprender umas com as outras. Os cristãos anabatistas têm muito a aprender com os cristãos de outras culturas e tradições no que se refere a assuntos, como a soberania e graça de Deus, a importância dos credos e os padrões de participação na sociedade. Os cristãos de outras bases podem ter muito que aprender com a tradição anabatista em áreas, como seguir Jesus na vida diária, interpretar as Escrituras a partir de um ponto de vista centrado em Cristo e dar primazia ao senhorio de Cristo na vida diária.

O corpo de Cristo é um com muitas partes. Se um grupo dentro do corpo perder seus dons e visão únicos, será como o sal que perdeu sua salinidade.

Em seu livro, *Diferenciar ou Morrer*, Jack Trout diz: “*Se uma organização não tiver algo único a oferecer, ela morrerá.*”<sup>1</sup> O que os anabatistas têm a oferecer, e o que há para eles receberem?

Enquanto programas e metas podem mudar, os valores centrais que dão existência a uma organização são às vezes denominados *sagrados* e não deveriam ser mudados.<sup>2</sup> Quais são os valores centrais *sagrados* dos cristãos anabatistas? Este livreto os explicará sob a forma de três frases-chave. São elas:

- 1. Jesus é o centro de nossa fé.**
- 2. A Comunidade é o centro de nossas vidas.**
- 3. Reconciliação é o centro de nossa obra.**

Ser um cristão de uma perspectiva anabatista é uma combinação de crer em Jesus, pertencer à comunidade e comportar-se de uma maneira reconciliadora.<sup>3</sup> Algumas coisas pelas quais os anabatistas viveram e morreram são agora aceitas e prezadas pela maioria dos cristãos. Outras práticas e ensinamentos podem ainda ser desafiadores e perplexos. Mas mais e mais pessoas estão considerando os entendimentos de fé e prática anabatistas muito úteis enquanto procuram seguir Jesus fielmente no mundo de hoje.

Os três princípios desenvolvidos neste livreto são uma adaptação moderna de *A Visão Anabatista*, uma declaração bem conhecida feita em 1943 por Harold S. Bender, presidente da Sociedade Americana da História da Igreja.<sup>4</sup> Bender explicou que a partir de seu entendimento das Escrituras e da história anabatista:

1. O cristianismo é *disciplinado*. É seguir Jesus diariamente;
2. A igreja é uma *irmandade ou família*. Os membros não são comprometidos apenas com Deus, mas individualmente e voluntariamente uns com os outros;
3. Os seguidores de Jesus têm uma *ética de amor e de não resistência*. Como pessoas transformadas, procuram ser reconciliadoras que rejeitam o envolvimento com a violência e a guerra.

Esses três valores centrais tiveram inícios múltiplos. Este livreto descreverá como eles se desenvolveram na história, sugerirá como se aplicam no mundo de hoje. Depois os contrastará com perguntas para discussão. Eu prontamente reconheço que enfatizei as contribuições positivas dos primeiros anabatistas e minimizei os negativos. Meu propósito aqui é dar às pessoas inquisitivas uma oportunidade de perguntar e responder à pergunta: *Como é um cristão anabatista ideal?*

Desejo expressar agradecimento especial a Jeff Wright, ex-ministro conferencista da Conferência Menonita do Sudoeste Pacífico, que impulsionou a imaginação para este trabalho. Sou grato também pelo grupo teológico diverso de pessoas, incluindo meu cunhado, Theodore A. Weathers; minha sábia esposa, Ardys; Myron Augsburg; David Martin; John Roth; James Reimer; André Gingerich Stoner; Alan MissioDei

Kreider; Marlene Kropf; John Rempel; David Pfrimmer; Neal Blough; e James Krabill, que vigorosamente teceram críticas em relação a vários rascunhos deste trabalho. Assumo total responsabilidade, entretanto, pelo conteúdo final deste livreto, reconhecendo que muitos cristãos se encontrarão em algum lugar entre as posições que tento descrever aqui.

## Valor Central #1: Jesus é o centro de nossa fé



**Jesus** começou seu ministério aos 30 anos, reunindo um grupo de discípulos. Por três anos, esses discípulos viveram, comeram e trabalharam juntos com Jesus. Eles observaram como ele se preocupava com os pobres, curava quem estava enfermo, dava a visão aos cegos, perdoava os pecadores e ensinava as multidões. Durante esses anos de ministério, e também nos dias após sua ressurreição, Jesus se tornou central para a vida e fé deles. Eles passaram a *crer* nele como seu Professor, Salvador e Senhor em contraste com os professores, salvadores e mestres de sua época.

Ser um cristão significava mais para esses primeiros discípulos do que ser um crente ou adorador. Significava ser uma pessoa cheia do Espírito Santo que estava obedecendo a Jesus em sua vida diária. Devido ao comprometimento deles com Jesus e a presença contínua do Espírito Santo em suas vidas, as pessoas percebiam que eles estavam sendo transformados para se tornarem parecidos com Jesus em suas atitudes e estilos de vida. Se você tivesse perguntado àqueles discípulos, acredito que teriam respondido com entusiasmo: *“Jesus Cristo é o centro de nossa fé!”*

Por 250 anos, os primeiros cristãos continuaram a experimentar a presença do espírito de Jesus entre eles. Mas, nos séculos seguintes, muitas mudanças foram introduzidas na fé cristã, que quase se tornou outra religião.<sup>5</sup> Dois homens, em particular, se tornaram símbolos para essa mudança. Um era político. O outro, um teólogo.



**Constantino**, o político,<sup>6</sup> era o líder do império romano. Como resultado de ter uma experiência espiritual na qual teve uma visão da cruz, parou de perseguir os cristãos e permitiu que o cristianismo se tornasse uma religião reconhecida do império romano. Entretanto, durante seu reinado e logo após, as pessoas passaram a ser julgadas mais pela crença que professavam do que pela vida que viviam.



**Agostinho**, o teólogo,<sup>7</sup> passou a ter importância um pouco mais tarde. Ele teve uma experiência de conversão profunda e alguns o consideraram o maior teólogo da igreja ocidental. Mas, pouco a pouco, tendências e perspectivas diferentes emergiram, as quais eram contrárias às dos primeiros discípulos. Ao invés de focar na vida e ministério de Jesus, a igreja passou a priorizar a morte de Cristo. O Credo dos Apóstolos, que ganhou destaque durante essa época, não menciona o ensino e o ministério de Jesus. Ao invés de se dizer “*Jesus é o centro de nossa fé,*” os seguidores de Agostinho tenderam a dizer “*A morte de Cristo é o centro de nossa fé.*”

Mudanças dramáticas aconteceram. Enquanto os primeiros cristãos foram uma minoria perseguida adorando em segredo, agora se reuniam em construções ornadas. Enquanto novos convertidos nos primeiros séculos passaram por treinamento significativo, receberam batismo quando adultos e se juntaram a comunidades alternativas, agora crianças eram batizadas e todos os cidadãos, exceto os judeus, pertenciam a uma igreja aliada ao governo. Enquanto a primeira igreja enfatizava o seguir Jesus, agora o foco estava na doutrina correta, no ritual elaborado e na defesa contra os inimigos. Enquanto os membros da primeira igreja tinham compartilhado sua fé diariamente com o próximo, agora o evangelismo significava principalmente estender as fronteiras do império “cristão”. Enquanto a maioria dos primeiros cristãos rejeitava o serviço militar, na época da morte de Agostinho somente se permitiam cristãos no exército romano.

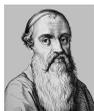


Entre os anos de 1200 e 1500 da Era Cristã, várias pessoas e grupos preocupados começaram a perceber que havia sérias inadequações quanto aos entendimentos amplamente aceitos de salvação e da igreja. **Martinho Lutero**, um monge alemão educado na teologia agostiniana, foi um desses reformadores. Ulrich Zwinglio, um pastor Suíço, e João Calvino, um teólogo reformado, foram outros. Eles introduziram mudanças significativas.

Lutero se ofendia especialmente pelas práticas dos padres e papas que ofereciam perdão e libertação do purgatório com base nas obras e venda de indulgências. Em 31 de outubro de 1517, na tentativa de fomentar um debate público, ele pregou uma lista de 95 teses, ou argumentos, na porta da igreja de Wittenberg, Alemanha. Esse ato deu início à reforma protestante.<sup>8</sup>

Lutero e Zwinglio afirmavam que as Escrituras eram a única autoridade para a fé e a prática, e insistiam que a salvação se dá pela graça por meio da fé. Entretanto, essa salvação foi largamente compreendida como receber a vida eterna. Alguns a chamavam de salvação da alma ao invés de salvação completa. Enquanto esperava-se que os cristãos respondessem ao serviço fiel a Deus e ao próximo, o ensino da igreja de seguir Jesus na vida diária e pertencer à comunidade não foi fortemente enfatizado.

Vários alunos de Ulrich Zwinglio, incluindo Conrad Grebel, Felix Manz e George Blaurock, reuniam-se para o estudo da bíblia em Zurique, Suíça. Hans Hut, Hans Denck, Pilgram Marpeck e Jakob Hutter estavam em uma peregrinação parecida no sul da Alemanha e em Moravia.



Mais tarde, **Menno Simons**, um ex-padre católico, ensinava e coordenava grupos que estavam emergindo nos Países Baixos.<sup>9</sup>

Esses estudantes da bíblia continuaram seus estudos de Jesus e dos primeiros discípulos. Hebreus 12:2, “Fixemos nossos olhos em Jesus, o autor e aperfeiçoador de nossa fé,” tornou-se central para muitos. 1 Coríntios 3:11, “Ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, que é Jesus Cristo,” tornou-se o lema para

Menno Simons. A tempo, o Sermão do Monte, quando fortalecido pelo Espírito Santo, passou a ser visto como norma para a vida cristã.

Enquanto esses primeiros cristãos anabatistas afirmavam o Credo dos Apóstolos e muito do que Lutero e Zwinglio pregavam, eles queriam ir além. Eles preferiram falar sobre *nascer de novo* ao invés de *justificados pela fé*. Enquanto a salvação se dava pela graça de Deus, eles apelaram para uma resposta mais radical de obediência por parte dos crentes. Eles insistiam que a salvação, possível por Jesus e pelo poder do Espírito Santo, deveria conduzir à transformação da vida moral, social e econômica da pessoa. O batismo adulto se tornou um sinal de que essa salvação e transformação tinham ocorrido. Se você tivesse perguntado àqueles primeiros cristãos anabatistas, acredito que eles teriam se unido aos primeiros discípulos dizendo: “*Jesus Cristo é o centro de nossa fé!*”

O que isso significa para nós hoje? Cristãos de uma perspectiva anabatista procuram aplicar seu entendimento de Jesus de três maneiras importantes:

## 1. Jesus deve ser seguido na vida diária

Ser um cristão significa mais do que ter uma experiência espiritual, professar uma crença, ou estar justificado perante Deus. Ser um cristão significa seguir Jesus na vida diária. Os cristãos de uma perspectiva anabatista dizem: *O cristianismo é discipulado!* Em alemão é “*Nachfolge Christi,*” ou seja, *Seguir Jesus*. Hans Denck, um dos primeiros anabatistas, deixou bem claro quando disse: “Ninguém pode verdadeiramente conhecer Cristo a menos que o siga em sua vida diária, e ninguém pode seguir Cristo em sua vida diária a menos que o conheça verdadeiramente.”<sup>10</sup>

A salvação, na tradição anabatista, significa ser transformado de uma velha forma de vida para uma vida que exemplifique o espírito e as ações de Jesus. A salvação não é meramente uma mudança de atitude de Deus em relação a nós. É uma mudança em nossas atitudes e ações em relação a Deus, às pessoas e ao mundo. Essa mudança é possível pela permanente presença do Espírito Santo, que capacita os discípulos a seguirem Jesus em suas vidas diárias.

Muitos cristãos, mesmo após a salvação, continuam a se ver como pecadores sem esperança, que são incapazes de viver uma vida vitoriosa transformada. Alguns dizem: Não sou diferente. Sou apenas

perdoado. Os cristãos de uma perspectiva anabatista discordam. Eles creem que os ensinamentos e o espírito de Jesus podem transformar seguidores comprometidos, assim como os ajudam a vencer os poderes do mal. Eles são encorajados a seguir radicalmente Jesus em suas vidas diárias.

## 2. A Bíblia é interpretada a partir de um ponto de vista centrado em Cristo

Muitos cristãos têm o que poderia ser chamado de uma Bíblia plana, assumindo que as palavras de Deus como compreendidas por Moisés no Velho Testamento possuem a mesma autoridade das palavras de Jesus no Novo Testamento. Quando questões políticas ou sociais, como a guerra, a pena de morte ou o tratamento de pessoas com comportamentos impróprios surgem, aqueles com perspectiva da Bíblia plana frequentemente consideram os textos do Velho Testamento como sendo a base para sua crença e ação, até mesmo quando esses textos diferem dos ensinamentos de Jesus.

Outros cristãos interpretam as Escrituras a partir de um ponto de vista dispensacional. Para saber a vontade de Deus, eles devem primeiro saber para qual dispensação ou período de tempo uma passagem foi revelada. Nessa abordagem, a obediência aos ensinamentos de Jesus como encontrados no Sermão do Monte é geralmente adiada até a era do reinado do retorno de Cristo. Durante o tempo presente, Jesus recebe adoração, mas não obediência diária.

Cristãos de uma perspectiva anabatista procuram interpretar as Escrituras a partir de um ponto de vista ético centrado em Cristo. Jesus é visto como a revelação completa de Deus e de sua vontade, que significa que às vezes os ensinamentos de Jesus transcendem ensinamentos anteriores. Jesus mesmo disse: “Ouvistes o que foi dito... eu, porém, vos digo...” (Mateus 5:21, 27, 31, 33, 38 e 43). Do mesmo modo, o autor de Hebreus declara: “Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo. Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser...” (1:1-3). O missionário Peter Kehler, uma vez, disse: “Se tudo o que as Escrituras fazem é me apresentar a Jesus Cristo, isso é o suficiente!”<sup>11</sup>

Os cristãos de uma perspectiva anabatista afirmam que toda a Escritura é inspirada, mas não são literalistas extremos. Eles procuram manter a palavra escrita e o espírito de Jesus em tensão criativa. Toda a Escritura precisa ser interpretada no espírito de Jesus. Seguidores de Jesus têm problemas quando ou elevam a *palavra escrita* em detrimento do Espírito, ou elevam o *Espírito* em detrimento da palavra. Palavra e Espírito precisam andar juntos.<sup>12</sup>

Enquanto os cristãos de uma perspectiva anabatista veem as Escrituras como a fonte máxima de informação, eles veem Jesus como a autoridade final para a fé e vida. Ele é Senhor das Escrituras e norma para a ética pessoal e social. Nenhum texto é uma autoridade a não ser que esteja honestamente relacionado aos ensinamentos e Espírito de Jesus. Portanto, quando os cristãos anabatistas enfrentam uma questão ética, eles vão primeiro até Jesus para que sejam guiados e então às outras Escrituras para mais entendimento. Se duas passagens da Escritura parecem divergir, eles fazem de Jesus o árbitro!

### 3. Jesus é aceito como Salvador e Senhor

Muitos cristãos professam Jesus como seu salvador pessoal, mas colocam menos ênfase em segui-lo como Senhor em suas vidas diárias. Olham para Jesus como salvador de hábitos pessoais ruins, mas quando enfrentam problemas sociais e políticos maiores, obedecem a empregadores, líderes cívicos, generais militares ou presidentes. Como resultado, muitos cristãos hoje são mais obedientes às ordens de líderes terrenos do que às de Jesus.

Cristãos de uma perspectiva anabatista creem que o governo precisa ser obedecido até a extensão permitida pelo discipulado cristão. O propósito do governo é preservar a vida e estabelecer a ordem no mundo secular. Obediência às leis não significa que obedecemos cegamente às ordens do governo. Uma vez que nossa maior fidelidade sempre pertence a Jesus e ao reino de Deus, ocasionalmente podemos precisar desobedecer a uma ordem do governo porque é contrária ao ensino e espírito de Jesus. Quando houver um conflito entre os modos de Jesus e os modos de César, dizemos com os primeiros discípulos, “antes, importa obedecer a Deus do que aos homens”<sup>13</sup> (Atos 5: 29).

Resumindo, os cristãos de uma perspectiva anabatista são crentes que procuram:

1. Seguir Jesus em suas vidas diárias;
2. Interpretar as Escrituras no Espírito de Jesus;
3. Devotar maior lealdade a Jesus Cristo.

*Jesus Cristo está no centro de nossa fé. Você é um cristão anabatista?*

## Valor Central #2: A Comunidade é o centro de nossa vida



Uma das primeiras coisas que **Jesus** fez quando começou seu ministério foi formar uma comunidade. Convidou Pedro e André e depois Tiago e João para unirem-se a ele. Logo houve muitos seguidores dos quais escolheu 12 discípulos. Eles aprenderam, comeram, viajaram e serviram juntos até que, em Pentecostes, tornaram-se o núcleo de uma nova sociedade chamada igreja. Em Atos 2, percebemos que os primeiros crentes se encontravam dia após dia, não somente no templo, mas também em seus lares onde comiam com alegria e corações humildes, louvando a Deus, e apreciando a boa vontade das pessoas.

A igreja do Novo Testamento fornecia uma maneira alternativa de viver tanto para a realidade religiosa quanto a política daquela época. Esse modo de vida foi ensinado e celebrado no átrio do templo, discutido e aplicado em grupos caseiros.

Ao se referir aos seus seguidores em termos familiares, tornou-se evidente que Jesus queria que seus seguidores não somente *cressem* nele, mas também que tivessem um senso forte de interdependência. Os observadores ficavam maravilhados com o que Deus fazia em e através desses grupos de primeiros cristãos. Eles tinham os dons, a visão e coragem de continuar fazendo o que Jesus tinha iniciado enquanto estava com eles. Se você tivesse perguntado àqueles primeiros seguidores de Jesus, acredito que teriam respondido, *“A comunidade centrada em Cristo é o centro da nossa vida!”*



Ao invés de enfatizar a igreja como uma família de irmãos e irmãs que se reuniam para o estudo da Bíblia, do compartilhar, da oração e da adoração, **Constantino** enfatizou a igreja como uma organização que se reunia em santuários grandes, impessoais. Homens ricos, que até o momento tinham resistido à conversão, estavam dispostos a se unir a uma igreja que estava associada ao imperador. Muitas pessoas foram batizadas mesmo não sendo verdadeiros seguidores de Jesus. Como resultado, ao invés de a igreja estar no mundo, o mundo adentrou a igreja.

Com o encorajamento e ajuda da mãe, Constantino começou a construir grandes igrejas em Roma e nos locais do nascimento e morte de Jesus. Logo igrejas foram erguidas em aproximadamente cada cidade. Ao invés de se dizer, “A comunidade centrada em Cristo é o centro de nossa vida,” começou a se dizer, “O edifício da igreja está no centro da nossa cidade.”



**Agostinho** lutou severamente para estabelecer uma vida pessoal de obediência no contexto de uma sociedade que considerava todo mundo como sendo cristão. Para ele e seus seguidores, era impossível distinguir entre aqueles que pertenciam ao corpo de Cristo e aqueles que não. “O trigo e o joio crescem juntos,” disse ele.

Ao invés de experimentar a presença de Cristo na comunidade, Agostinho enfatizou experimentar a presença de Deus por meio dos sacramentos. Uma fé sacramental se desenvolveu, na qual para a pessoa ser perdoada do pecado original, precisaria do ritual do batismo. Para serem perdoados de pecados em curso, os crentes precisariam da missa. Com o passar dos séculos, entendeu-se que, para ser liberta do purgatório, a pessoa precisaria rezar para os santos, dar dinheiro aos pobres e comprar concessões do papa.

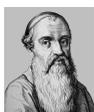
Ao longo do tempo, a ideia de pertencer a Cristo e aos outros em uma comunidade unida se perdeu. Aqueles que desejavam seguir Jesus obedientemente e experimentar uma comunidade unida escolheram se tornar monges e freiras que viviam em mosteiros e conventos. Isso deu a impressão de que seguir Jesus na vida diária e

viver em uma comunidade centrada em Cristo era impossível para pessoas comuns.



**Martinho Lutero** e outros reformadores originalmente pretenderam reformar a igreja com base bíblica. Eles se separaram de Roma, e, na pregação da Bíblia, começaram a enfatizar o sacerdócio de todos os crentes. Muitos seguidores de Lutero e Zwinglio também desejaram se libertar do sistema feudal cruel da época. Quando alguns camponeses pegaram armas para desafiar as práticas dos senhores feudais e príncipes, Lutero e Zwinglio, no interesse de manter a ordem, aliaram-se aos governantes. Enquanto admoestavam os governantes de suas responsabilidades em relação aos pobres, sem querer forjaram uma nova aliança entre a igreja e o estado. No processo, perderam a confiança de muitos camponeses.

Lutero e Zwinglio foram impedidos pela Guerra dos Camponeses e outras circunstâncias políticas de implementar muitas das reformas almejadas. Eles continuaram com as estruturas básicas de Constantino e a teologia de Agostinho, mantiveram a igreja estatal como a política da igreja, o santuário como a estrutura da igreja, o batismo infantil como o rito de iniciação na igreja, o uso da espada pelo governo como uma ferramenta para a disciplina, e a interpretação particular de uma bíblia plana como o modo principal de conhecer a vontade de Deus.



Os primeiros anabatistas, incluindo **Menno Simons**, estavam desapontados com a incompletude da Reforma. Não queriam meramente *reformar* a igreja com as estruturas de Constantino e a teologia de Agostinho. Queriam restaurar a igreja ao padrão e forma originais do Novo Testamento. Criam que a igreja precisava ser uma sociedade independente e alternativa no mundo.

Devido à perseguição, os primeiros anabatistas, como os primeiros crentes da igreja dos primórdios, foram forçados a se reunir em segredo para o estudo da Bíblia, do compartilhar, da oração e da adoração. Em lares e estabelecimentos secretos, frequentemente

experimentavam Cristo em seu meio. Como os novos crentes colocavam sua fé em Jesus e comprometiam-se em segui-lo em suas vidas diárias, eram batizados e recebidos na congregação, onde desenvolviam um forte senso de pertencimento.

Esses pequenos grupos tinham um poderoso testemunho em suas comunidades. Depois de um estudo de 62 teses de doutorado sobre o início do anabatismo e de seu pensamento, o pastor Takashi Yamada, um acadêmico do Japão, passou a acreditar que “a singularidade tanto da igreja dos primórdios quanto dos primeiros anabatistas foi que se reuniam em pequenos grupos onde se confrontavam e se fortaleciam para confrontar o mundo.”<sup>14</sup>

Os cristãos anabatistas falavam repetidamente do poder de viver diferentemente. Eles esperavam uma “vida santa” de todos os membros e especialmente dos líderes. Ao invés de meramente serem livres de culpa, descreviam cristãos fiéis como aqueles que viviam de forma ética e cheia do Espírito Santo. Aqueles que parassem de seguir Jesus na vida diária ou persistissem em uma vida fora da vontade de Cristo eram excomungados do corpo de Cristo.

Os anabatistas viam a igreja como sendo composta por crentes transformados que estavam comprometidos com Jesus e com os outros em comunidades aliançadas. Tanto líderes católicos quanto protestantes viam isso como uma ameaça à igreja estabelecida. Como resultado, emprisionaram e perseguiram severamente muitos anabatistas. Mais de 4.000 foram afogados, decapitados ou queimados na fogueira como mártires por sua fé.<sup>15</sup>

Muita diversidade era evidente entre esses primeiros anabatistas. Alguns eram muito preocupados com o fim dos tempos. Outros se voltavam ao uso da violência. Um grupo na cidade de Münster, Alemanha, foi além, substituindo a câmara municipal eleita da cidade por 12 presbíteros que se declaravam ser o Novo Israel, introduziram a poligamia e pegaram em armas para a própria defesa. Essa ação por um grupo lunático de anabatistas contribuiu para uma reputação negativa em relação aos cristãos anabatistas e menonitas que permanece até hoje.

O senso forte de pertencimento a Jesus dos primeiros anabatistas e o leal apoio entre si os ajudaram a viver vidas éticas devotas no contexto de um mundo hostil. Se você tivesse perguntado a

eles, acredito que teriam respondido com os primeiros discípulos, “*A comunidade centrada em Cristo (cristocêntrica) é o centro de nossa vida!*”

No mundo de hoje, os cristãos com uma perspectiva anabatista compreendem e praticam a comunidade centrada em Cristo de três maneiras distintas:

## 1. O perdão é essencial para a comunidade

Jesus veio para que pudéssemos ter vida e tê-la em abundância. Ele orava fervorosamente para que fôssemos um uns com os outros assim como ele é um com o Pai. Um senso caloroso de comunidade e todos os benefícios pertencentes a isso surgem quando os membros do corpo de Cristo estão comprometidos com o pedido de perdão entre si. A confissão e o perdão removem as barreiras que impedem a comunhão com Deus e com o próximo. Os cristãos anabatistas creem que o perdão é essencial para criar e cultivar a comunidade.

O problema central da humanidade não é a falta de finanças, a falta de educação ou a falta de poder. O problema central é que ofendemos uns aos outros. Desde o início dos tempos, os seres humanos, tanto indivíduos quanto grupos, têm ofendido Deus e uns aos outros por meio de atitudes e ações. O resultado tem sido o relacionamento rompido com Deus, com o próximo, com o nosso próprio ser e com a Terra toda.

O momento decisivo para resolver uma ofensa geralmente vem quando alguém sinceramente se arrepende e pede perdão. Infelizmente, no mundo não cristão, tenta-se esquecer sem perdoar. Frequentemente, negação e defensiva tomam o lugar da confissão e do perdão.

## 2. As Escrituras são interpretadas em comunidade

Muitos cristãos se limitam ao estudo individual das Escrituras e depois proclamam aos outros o que compreenderam. Quando os indivíduos se limitam a esse tipo de interpretação individual, frequentemente proclamam entendimentos confusos e falsos das Escrituras.

Outros cristãos veem pastores treinados, padres e instrutores como sendo os únicos capazes de interpretar apropriadamente as Escrituras. Como resultado, leigos frequentemente negligenciam o estudo pessoal e sua aplicação.

Os cristãos de uma perspectiva anabatista creem que as Escrituras precisam ser estudadas tanto individualmente quanto no contexto de uma comunidade guiada pelo Espírito Santo, onde os irmãos dão e recebem conselhos. Geralmente, os membros da comunidade que se reúnem em pequenos grupos, classes e conferências no Espírito de Cristo podem melhor determinar o que uma Escritura está lhes dizendo a respeito de determinada situação.

### 3. Comunidade é experimentada em pequenos grupos

A igreja às vezes tem sido descrita como um pássaro de duas asas. Uma asa representa a comunidade maior de adoradores, onde o relacionamento vertical com o nosso transcendente e santo Deus é enfatizado.<sup>16</sup> A outra asa representa pequenos grupos, onde o relacionamento horizontal íntimo é enfatizado. Ambas as asas são necessárias.

Alguns aspectos da vida cristã acontecem melhor em grupos com 12 ou menos pessoas. Isso é frequentemente verdadeiro visto que damos e recebemos conselho, discernimos dons para missões, nos alegamos e temos comunhão. Congregações saudáveis são estruturas para a vida em comunidade. Elas são frequentemente redes ou pequenos grupos. Alguns iriam além ao afirmarem que o pequeno grupo é a unidade básica da igreja.<sup>17</sup>

Resumindo, os cristãos de uma perspectiva anabatista experimentam a *comunidade centrada em Cristo como o centro de suas vidas*. Eles tendem a ver:

1. O perdão como sendo essencial para a comunidade.
2. O diálogo e o discernimento em grupo como necessários para a interpretação das Escrituras.
3. Pequenos grupos como centrais para a vida da igreja.

*Crer em Jesus, pertencer à igreja e se comportar de uma nova maneira tornam-se reais no contexto da comunidade.*<sup>18</sup>

Você é um cristão de mentalidade anabatista?

# Valor Central #3: A Reconciliação é o centro da nossa obra



Deus enviou seu filho, **Jesus** como a solução para o problema do pecado. Jesus veio para reconciliar todos aqueles que responderiam a Deus e uns aos outros. Ele abordou o quebrantamento e a injustiça de todos os tipos, e treinou um grupo de seguidores que se tornaram embaixadores da reconciliação.

Jesus delineou passos específicos para a reconciliação dentro da comunidade de fé como está registrado em Mateus 18:15-20. Pessoas ou grupos ofendidos devem procurar o próximo para buscar uma solução para o problema. Se a injustiça ou ofensa permanecer não resolvida, mais passos devem ser dados, recorrendo-se a mais membros da comunidade.

No Sermão do Monte, Jesus ensinou aos discípulos que a paz e a justiça vêm por meio da busca do reino em primeiro lugar, do arrependimento dos pecados e do tratamento dado às pessoas de como eles mesmos gostariam de ser tratados. “Não amem apenas aqueles que os amam,” disse Jesus. “Até mesmo os pagãos fazem isso! Ame teus inimigos e ora por aqueles que te perseguem” (Mateus 5:43-48). Jesus foi coerente com o que disse e disse para nós! Ser um seguidor de Jesus significa se *comportar* de uma nova maneira.

Ao final de seu ministério, Jesus disse: “Assim como o Pai me enviou, também os envio” (João 20:21). “Adentrem o mundo todo e façam discípulos de todos os povos, batizando-os e ensinando-os a obedecer tudo o que ordenei a vocês” (Mateus 28:18-20). Como resultado, os primeiros discípulos adentraram o mundo pregando, ensinando e praticando uma nova maneira de vida a fim de que as pessoas pudessem ser reconciliadas a Deus e umas as outras.

Um dos grandes desafios que os primeiros cristãos enfrentaram foi o conflito racial, religioso e cultural entre judeus e gentios. Depois de verem pessoas de diversas origens sendo cheias do Espírito Santo e pertencendo à família de Deus, os apóstolos concordaram que era por meio da fé em Cristo, não leis e rituais, que as pessoas de diversas origens se tornavam um corpo e desenvolviam uma cultura de paz.

Ao longo de centenas de anos, os seguidores de Jesus se recusaram a engajar-se em combates militares. Eles compreendiam que estavam sob a ordem de amar seus inimigos, não matá-los. “Tudo isso vem de Deus, que nos reconciliou consigo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação,” disse o apóstolo Paulo em 2 Coríntios 5:18. Se você tivesse perguntado aos primeiros cristãos, creio que teriam respondido, “*Reconciliar as pessoas a Deus e umas as outras é o centro da nossa obra.*”



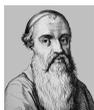
Quando **Constantino** começou a fundir igreja e estado, grandes mudanças a igreja sofreu. Jesus dissera, “Meu reino não é deste mundo,” no entanto, Constantino era rei. Ao longo do tempo, a diferença entre o reino voluntário governado por Cristo e o reino governado pelo imperador tornou-se turva. As convicções claras dos primeiros cristãos ficaram comprometidas. Dentro da igreja, alguns se tornaram ricos e outros se tornaram pobres. Os cristãos se tornaram perseguidores. Os ex-pacificadores foram à guerra. Ao invés de gastarem suas energias com o evangelismo, com a pacificação e com o ministério, quantidades enormes de energia foram gastas para a construção de grandes catedrais em aproximadamente cada província da Europa. A construção desses edifícios se tornou o centro da obra deles.



**Agostinho** preocupou-se com questões morais pessoais, tais como a embriaguez, a cobiça, os jogos de azar e o adultério, mas seu ensino e prática relacionados à paz e justiça foram severamente limitados em uma igreja intimamente ligada ao império. Ao invés de buscar a reconciliação com os inimigos, Agostinho passou a crer que a fé cristã precisava ser defendida contra eles. Uma teoria de “guerra justa” se desenvolveu, que permitiu aos cristãos, em certas situações, participar da violência e da guerra. Essa abordagem em relação à guerra permanece em muitas tradições cristãs.



**Lutero, Zwinglio e Calvino** fizeram muitas coisas boas. Lutero desenvolveu a ideia de “fundo de assistência social,” e Calvino procurou influenciar a sociedade a viver a partir dos princípios cristãos. Entretanto, eles, como Agostinho, enfatizaram o perdão pessoal e a obediência aos Dez Mandamentos, mas proporcionaram menos ensino e prática específicos no que se refere à graça transformadora, ao evangelismo e à pacificação.



Os primeiros cristãos anabatistas sob a liderança de **Menno Simons** e outros se esforçaram para encontrar entendimentos comuns em relação a de que forma viver como o corpo de Cristo no mundo. Eles passaram a crer que devido à obra do Espírito Santo e do comprometimento de uns aos outros, os seguidores de Jesus poderiam se tornar como Cristo e se *comportar* como Cristo.

Os primeiros anabatistas frequentemente se reuniam nos lares e em pequenos grupos, onde eles sentiam a presença do Espírito Santo e estudavam as Escrituras como uma base para o conselho mútuo de como viver. Os anabatistas queriam que as Escrituras fossem sua única “arma.” Em seus estudos, enfatizavam o compartilhamento econômico, a paz com Deus, a paz mútua e a paz com os inimigos.

O movimento anabatista foi de certa maneira o movimento carismático ou movimento do Espírito Santo da era da Reforma.<sup>19</sup> Os líderes anabatistas falavam mais sobre o poder transformador do Espírito Santo do que os outros reformadores. Eles criam que o Espírito Santo os capacitava para o discipulado, o evangelismo, a pacificação e a vida simples.

O movimento anabatista foi também o movimento evangelístico do século XVI. Com persistência e paixão, líderes importantes – à custa de suas vidas – foram a todas as regiões da Europa procurando reconciliar as pessoas com Deus e umas as outras.<sup>20</sup> Aos milhares, pessoas tiveram um relacionamento pessoal com Jesus e se uniram aos irmãos anabatistas que estavam surgindo em toda a Europa.

Além disso, os anabatistas tiveram papel fundamental em promover a causa da justiça social em sua época. Muitos grupos locais dentro do movimento foram conhecidos por compartilhar suas economias e pela ênfase em tratar as pessoas justamente. Seus líderes e seguidores abordaram muitas das preocupações sociais e econômicas levantadas pelos camponeses que se revoltavam contra a natureza ditatorial do sistema feudal. Pequenos grupos de fraternidade funcionavam como sociedades alternativas tanto para o império quanto para o sistema feudal. Era inconcebível que seguidores genuínos de Jesus, que tinham sido transformados pelo Espírito de Deus e batizados no corpo de Cristo, se agarrariam ao excesso de bens ou de riqueza quando vissem irmãos em necessidade.<sup>21</sup>

Por meio do estudo das Escrituras e de um comprometimento inabalável de seguir Jesus na vida diária, os cristãos anabatistas passaram a crer que era errado participar da guerra. Como os primeiros discípulos, eles se recusaram a se unir às forças armadas embora os turcos muçulmanos estivessem tentando invadir a Europa. Ao invés de lutar contra os inimigos, os anabatistas escolheram seguir o exemplo de Jesus, “que quando ultrajado, não revidava com ultraje, quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente” (1 Pedro 2:23).

Se você tivesse perguntado a eles, creio que Menno Simons e a maioria dos cristãos anabatistas teriam se unido aos primeiros apóstolos dizendo, *“Reconciliar as pessoas com Deus e umas às outras é o centro da nossa obra!”*

O que isso significa para nós hoje? Cristãos de uma perspectiva anabatista creem que:

## 1. Devemos ajudar as pessoas a se reconciliarem com Deus

Assim como Deus teve a iniciativa de em Jesus nos reconciliar com ele e uns com os outros, Deus também está nos pedindo para termos a iniciativa de fazer a nossa parte em reconciliar os outros com ele em nossas Jerusaléns, Judeias, Samarias e vastos mundos. Deus nos deu o ministério da reconciliação!

Os cristãos atuais de uma perspectiva anabatista estão incumbidos de fazer discípulos, batizá-los e instruí-los em tudo o que Jesus viveu e ensinou. Eles querem que seus conhecidos *creiam* em

Jesus, *pertençam* a uma comunidade centrada em Cristo e se *comportem* de uma maneira transformada.

Quando os que buscam “se rendem totalmente ao que entendem de Cristo,” nasceram de novo.<sup>22</sup> Uma nova vida lhes é dada. Eles têm novos valores e a capacitação do Espírito Santo para viverem esses valores.

Ser reconciliado com Deus conduz a uma vida transformada. Jesus muda os pensamentos, as amizades e os comportamentos daqueles que o aceitam. Eles passam a ser transformados mentalmente, emocionalmente, fisicamente, socialmente e politicamente. Isso os posiciona em um contraste gritante com o mundo.

## **2. Devemos ajudar a reconciliar as pessoas umas às outras**

Reconciliar as pessoas não somente a Deus mas também umas às outras é o centro da nossa obra. Isso pode significar explorar a causa de um conflito e ajudar as partes a se reconciliarem por meio da escuta atenta, da confissão honesta, do perdão desinteressado e da restituição apropriada.

O perdão remove as paredes da ofensa que existem não somente entre nós e Deus, mas também entre nós e as outras pessoas na igreja. Participar da ceia do Senhor juntos se torna uma experiência de comunhão possibilitada pelo perdão que recebemos de Deus e de uns aos outros.

Os cristãos devem ser uma bênção para as pessoas de todas as origens, gêneros e convicções. Quando encontramos indivíduos ou grupos que estejam em conflito, devemos reconciliar ao invés de julgar. Mas não podemos ajudar os outros a irem além do que nós mesmos fomos. Mesmo que procuremos ajudar os outros a se reconciliarem, devemos continuar crescendo em nosso próprio entendimento de como precisamos ser mudados.

## **3. Devemos ser os embaixadores da reconciliação no mundo**

O evangelismo e a pacificação estão agregados no conceito de reconciliação. Enquanto alguns cristãos dizem que o evangelismo está no centro da nossa obra e outros coloquem a pacificação ali, seria

melhor dizer que *“a reconciliação está no centro de nossa obra!”* Os propósitos de Deus são “reconciliar consigo todas as coisas por meio de Cristo” (Colossenses 1:20).

É devido a sua visão de salvação como transformação que os cristãos anabatistas de hoje se recusam a se envolver na guerra. A guerra moderna treina soldados para mentir, odiar e destruir. Pessoas transformadas não fazem tais coisas.

Pacificação não é a mesma coisa que apaziguamento. Como seguidores transformados de Jesus, devemos “combater” o mal e a injustiça tão vigorosamente ou mais que qualquer pessoa, mas precisamos “combater” de maneira diferente. Somos desafiados a dizer como o apóstolo Paulo, “...embora andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas de nossa milícia não são carnis,” (2 Coríntios 10:3-4).

A História e a experiência indicam que a violência geralmente conduz a mais violência. A violência somente pode ser reduzida pela não violência e pela correção das injustiças que a motivam. Em todas as épocas e situações, somos chamados a imitar o exemplo e o espírito de Jesus. Jesus usou palavras, o cuidado e a ação pacífica, não armas e bombas, para reconciliar o conflito e para aproximar as pessoas à família de Deus. Nossa atitude “deveria ser a mesma que a de Cristo Jesus” (Filipenses 2:5).

A reconciliação é um trabalho penoso. Devemos estar dispostos a doar nossas vidas a fim de que as pessoas do mundo possam ser reconciliadas com Deus, com umas às outras, e até mesmo com os inimigos. Mas não há alegria maior que viver uma vida reconciliada e trazer as pessoas para um relacionamento reconciliado com Deus e umas com as outras.

Resumindo, os cristãos de uma perspectiva anabatista creem que são chamados para:

1. Ajudar a reconciliar as pessoas com Deus;
2. Ajudar as pessoas a se reconciliarem;
3. Servir como embaixadores de Deus da reconciliação no mundo.

*A reconciliação está no centro da obra deles. Você é um cristão anabatista?*

## Conclusão

O que devemos pensar em relação ao entendimento anabatista da fé cristã? O que podemos aprender a respeito? Cem anos atrás, o professor Rufus M. Jones afirmou “que os grandes princípios de liberdade de consciência, separação da igreja e estado e o voluntariado na religião, que são essenciais para a democracia, são derivados do movimento anabatista do período da Reforma. Esses líderes corajosos claramente enunciaram esses princípios e desafiaram o mundo cristão a segui-los na prática.”<sup>23</sup>

As declarações a seguir sintetizam seus entendimentos de fé cristã? Em caso afirmativo, você é um cristão de perspectiva anabatista!

### Jesus é o centro de minha fé

- Fixo meus olhos em Jesus, o autor e aperfeiçoador de minha fé;
- Interpreto as Escrituras a partir de um ponto de vista ético Cristocêntrico;
- Vejo o cristianismo como discipulado, e procuro seguir Jesus na vida diária.

### A comunidade é o centro da minha vida

- Creio que o perdão torna possível a comunidade;
- Estudo as Escrituras com as outras pessoas para discernir suas aplicações em nossa época;
- Afirmo que os grupos pequenos são essenciais para uma igreja saudável.

### A reconciliação está no centro da minha obra

- Sou chamado para ajudar as pessoas a se reconciliarem com Deus por meio da fé em Jesus;
- Creio que a reconciliação inclui tanto o evangelismo quanto a pacificação;
- Rejeito todas as formas de injustiça e violência, e incentivo alternativas pacíficas para a guerra e outros conflitos.

# Bibliografia

1. Jack Trout, *Differentiate or Die* (New York: John Wiley and Sons, 2000).
2. See James C. Collins and Jerry I. Porras, "Building Your Company's Vision," in *Harvard Business Review* (Lewes, Del.: Harvard Business Publishing, September 1996).
3. This alliteration of values is adapted from Grace Davie by Alan Kreider in his book, *The Change of Conversion and the Origin of Christendom* (Eugene, Ore.: Wipf and Stock Publishers, 1999), pp. xiv-xvi.
4. Harold S. Bender, *The Anabaptist Vision* (Scottsdale, Pa.: Herald Press, 1944).
5. For a well-researched study of the changes to the process of incorporating new believers into church membership, see *ibid.*, Alan Kreider, *The Change of Conversion*.
6. For a biography of Constantine, see William Smith, ed., *A Dictionary of Christian Biography*, Vol. 1 (New York: AMS Press, 1974), pp. 623-649.
7. For an outline of Augustine's life and theology, see Erwin Fahlbusch, ed., *The Encyclopedia of Christianity*, Vol. 1 (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans Publishing, 1999), pp. 159-165.
8. John D. Roth, *Stories: How Mennonites Came to Be* (Scottsdale, Pa.: Herald Press, 2006). See chapter 2 for descriptions of the revolt, reform and renewal of the Reformation.
9. For further understanding on the various streams of Anabaptism, see C. Arnold Snyder, *Anabaptist History and Theology* (Kitchener, Ont.: Pandora Press, 1997).
10. For primary sources related to themes that were important to the Anabaptists, see *Anabaptism in Outline*, edited by Walter Klaassen (Scottsdale, Pa.: Herald Press, 1981).
11. Peter Kehler was a colleague in mission. He served in Taiwan from 1959-1975 and 1991-1993.
12. See Klaassen, *Anabaptism in Outline*, pp. 23-24, 72-73, and 140ff.
13. John H. Redekop, *Politics under God* (Scottsdale, Pa.: Herald Press, 2007). See especially chapter 6, "What does God require of governments?"
14. From a personal conversation at a Mennonite World Conference meeting in Wichita, Kan., 1978.
15. See Roth, *Stories: How Mennonites Came to Be*, chapter 4.
16. William A. Beckham, *The Second Reformation: Reshaping the Church for the 21st Century* (Houston, Texas: Touch Outreach Ministries, 1998), pp. 25-26.
17. For more on the theology and practice of small groups, see two of my publications, *Called to Care* and *Called to Equip* (Scottsdale, Pa.: Herald

Press, 1993).

18. See Kreider, *The Change of Conversion*, pp. xiv-xvi.

19. Walter Klaassen, *Living at the End of the Ages* (Lanham, Md.: University Press of America, 1992), chapter 4, “The Age of the Spirit.”

20. Hyoung Min Kim, *Sixteenth-century Anabaptist Evangelism* (Ann Arbor, Mich.: ProQuest, 2002).

21. For a contemporary application of how discipleship relates to issues of justice and social action, see Ronald J. Sider, *I Am Not a Social Activist* (Scottsdale, Pa.: Herald Press, 2008).

22. Samuel Shoemaker, *How to Become a Christian* (New York, N.Y.: Harper and Row, 1953), p. 71.

23. In *The Recovery of the Anabaptist Vision*, edited by Guy F. Hershberger (Scottsdale, Pa.: Herald Press, 1957), pp. 29-30. This volume also includes a wealth of essays on the rise and theology of Anabaptism.

# Perspectivas e perguntas para discussão

## Valor central #1: Jesus é o centro de nossa fé

*Fixe seus olhos em Jesus,  
o autor e aperfeiçoador de nossa fé.  
(Hebreus 12:2)*

### **Muitos cristãos enfatizam:**

#### **1. A morte de Cristo**

Muitos cristãos focam principalmente na santidade de Deus e na necessidade da salvação pessoal. Eles enfatizam que Cristo veio para morrer. E focam menos na vida, nos ensinamentos e no Espírito poderoso de Jesus. O cristianismo é principalmente perdão.

**Você concorda com a afirmação de que o cristianismo é discipulado?**

#### **2. Uma bíblia plana**

Muitos cristãos tendem a ver as Escrituras, ao invés de Jesus, como sua autoridade final. O norteamento para a vida diária vem de várias Escrituras que parecem se enquadrar naquela situação. Todas as decisões não precisam coincidir com os ensinamentos e Espírito de Jesus.

**Explique a diferença entre uma bíblia plana e uma bíblia centrada em Cristo.**

### **Os cristãos anabatistas enfatizam:**

#### **1. A vida de Cristo**

Os cristãos anabatistas firmam a santidade e a graça perdoadora de Deus, mas enfatizam que Jesus veio para viver. Sua morte resultou em parte do modo como ele viveu. Jesus como o Senhor ressurreto nos capacita a segui-lo em vida. O cristianismo é principalmente discipulado.

#### **2. Uma bíblia centrada em Cristo**

Os anabatistas afirmam que enquanto toda a Escritura é inspirada por Deus, Jesus é a revelação mais plena de Deus e a autoridade final para a tomada de decisões. Jesus cumpre o Velho Testamento e é a norma para a ética pessoal e social.

### **3. O governo como autoridade final**

Muitos cristãos creem que, uma vez que os líderes do governo são ordenados por Deus, eles devem ser obedecidos mesmo se suas exigências contradizem os ensinamentos de Jesus ou os ditames da consciência.

### **3. Jesus como a autoridade final**

Os anabatistas reconhecem que o governo é ordenado por Deus para preservar a vida e manter a ordem no mundo secular. No entanto, as exigências do governo não devem prevalecer ao Senhorio de Jesus.

### **O que significa para você dizer Jesus é o Senhor?**

## Valor central #2: A comunidade é o centro de nossas vidas

*E, perseverando unânimes todos os dias  
no templo, e partindo o pão em casa,  
comiam juntos com alegria e singeleza de coração,  
louvando a Deus, e caindo na graça de todo o povo.  
(Atos 2: 46-47)*

### **Muitos cristãos enfatizam: Os cristãos anabatistas enfatizam:**

#### **1. Perdão vertical**

Muitos cristãos focam mais no perdão vertical do que no perdão horizontal de uns aos outros. O perdão é visto como um meio para receber a salvação individual e a vida eterna.

#### **1. Perdão horizontal**

Os cristãos precisam tanto do perdão vertical de Deus quanto do perdão horizontal de uns aos outros. O perdão edifica a comunidade e é um meio para relacionamentos pacíficos entre as pessoas.

### **Como o perdão contribui para a comunidade?**

#### **2. Interpretação individual**

Muitos cristãos procuram interpretar as Escrituras a partir de seu entendimento e experiência. Por outro lado, alguns dependem quase que totalmente de professores treinados ou pastores para que interpretem a Escritura para eles

#### **2. Interpretação comunitária**

Os anabatistas creem que o estudo individual da Escritura deve ser combinado com um estudo comunitário. Os membros do grupo se comprometem a dar e receber conselhos dos demais no Espírito de Jesus.

### **De que forma vocês estudam a bíblia juntos na igreja?**

### **3. Reunidos no templo**

Muitos cristãos tendem a pensar que a congregação é a unidade básica da igreja. Frequentemente, a igreja é vista como uma estrutura, uma organização ou uma atividade no domingo de manhã.

### **3. Reunidos em grupos pequenos**

Os cristãos anabatistas tendem a ver a igreja como uma família. Igrejas saudáveis frequentemente são organizadas como redes de pequenos grupos nos quais os membros se confraternizam, estudam, compartilham e oram juntos.

**Se os pequenos grupos são a base para a vida de uma igreja saudável, como eles poderiam se tornar uma realidade mais concreta em sua congregação?**

## Valor central #3: Reconciliação é o centro da nossa obra

*E tudo isto provém de Deus,  
que nos reconciliou  
consigo mesmo por Jesus Cristo,  
e nos deu o ministério da reconciliação.  
(2 Coríntios 5:18)*

**Muitos cristãos enfatizam:**

### **1. Justificação pela fé**

Muitos cristãos principalmente enfatizam a santidade de Deus e a necessidade de ser justificado por meio da fé na obra sacrificial de Cristo. A conversão significa receber o perdão dos pecados e poder ir ao céu.

**Os cristãos anabatistas enfatizam:**

### **1. A transformação da vida**

Os cristãos anabatistas tendem a enfatizar a natureza amorosa e protetora de Deus. Eles desejam ser transformados pelo Espírito para se tornarem como Cristo em suas atitudes e ações. A conversão significa ser reconciliado com Deus e capacitado para viver como Jesus na vida diária.

**Ambas as naturezas de Deus são igualmente importantes. Que natureza você enfatiza?**

### **2. Salvação pessoal**

Muitos cristãos tendem a pensar a reconciliação em termos pessoais. A pacificação e a ação social são adicionais ao invés de essenciais ao evangelho.

### **2. Viver reconciliado**

Os anabatistas tendem a pensar a reconciliação tanto em termo pessoal quanto social. Evangelizar e promover a paz vão juntos na reconciliação.

**Quais são os passos para a mediação segundo Mateus 18?**

### **3. Serviço militar**

Muitos cristãos obedecem às autoridades mesmo quando são exigidas ações contrárias aos ensinamentos de Jesus e à consciência. Alguns creem na “violência redentora” e na teoria da “guerra justa”. Quando o governo lhes pede para atuarem no serviço militar, aceitam fazê-lo.

### **3. Serviço alternativo**

Os anabatistas obedecem às autoridades na medida em que sua obediência a Cristo permite. Eles se recusam da ordem de participar da violência. Corrigir as injustiças e se reconciliar com os inimigos são passos importantes. Alternativas ao serviço militar que busquem resolver os conflitos são fortemente encorajadas.

**Quais são as alternativas pacíficas ao serviço militar?**

## Para leituras adicionais

- BENDER, Harold S., *The Anabaptist Vision* (Scottsdale, Pensilvania: Herald Press, 1944).
- BLOUGH, Neal, *Christ in Our Midst: Incarnaion, Church and Discipleship in the Theology of Pilgram Marpeck* (Kitchener, Ontario: Pandora Press, 2007).
- *Confession of Faith in a Mennonite Perspective* (Scottsdale, Pensilvania: Herald Press, 1995). ■ DRESCHER, John M., *Why I am a Conscientious Objector* (Morgantown, Pensilvania: Masthof Press, 2007).
- HERSHBERGER, Guy F., ed., *The Recovery of the Anabaptist Vision* (Scottsdale, Pensilvania: Herald Press, 1957).
- KLAASSEN, Walter, *Anabaptism in Outline* (Scottsdale, Pensilvania: Herald Press, 1981).
- KLASSEN, Walter, *Anabaptism: Neither Catholic Nor Protestant*, 3rd edition (Kitchener, Ontario: Pandora Press, 2001).
- KREIDER, Alan, *The Change of Conversion and the Origin of Christendom* (Eugene, Oregon: Wipf and Stock Publishers, 1999).
- NEUFELD, Alfred, *What We Believe Together* (Intercourse, Pensilvania: Good Books, 2007).
- ROTH, John D., *Stories: How Mennonites Came to Be* (Scottsdale, Pensilvania.: Herald Press, 2006).
- SNYDER, C. Arnold, *Anabaptist History and Theology*, revised student edition (Kitchener, Ontario: Pandora Press, 1995).
- SNYDER, C. Arnold, *From Anabaptist Seed* (Kitchener, Ontario: Pandora Press, 1999).

## A Série Missio Dei

- No. 1 Calvin E. Shenk, *Understanding Islam: A Christian Reflection on the Faith of our Muslim Neighbors* (2002).
- No. 2 James R. Krabill, *Does Your Church “Smell” Like Mission? Reflections on Becoming a Missional Church* (2003).
- No. 3 Donna Kampen Entz, *From Kansas to Kenedougou ... and Back Again* (2004).
- No. 4 Alan Kreider, *Peace Church, Mission Church: Friends or Foes?* (2004).
- No. 5 Peter Graber, *Money and Mission: A Discernment Guide for Congregations* (2004).
- No. 6 Craig Pelkey-Landes, *Purpose Driven Mennonites* (2004).
- No. 7 James R. Krabill and Stuart W. Showalter, editors, *Students Talk about Service* (2004).
- No. 8 Lynda Hollinger-Janzen, “A New Day in Mission”: Irene Weaver *Reflects on Her Century of Ministry* (2005).
- No. 9 Delbert Erb y Linda Shelly, *Un relato de la Patagonia: Congregaciones de Argentina e Illinois se dan la mano para hacer la misión de Dios* (2005).\*
- No. 10 Juntos en misión: *Convicciones, valores y compromisos generales de la Red Menonita de Misión* (2006).\*
- No. 11 James R. Krabill, editor, *Lo que aprendí de la iglesia africana: Veintidós estudiantes reflexionan acerca de una experiencia inspiradora* (2006).\*
- No. 12 Ryan Miller y Ann Graham Price, editores, *Juntos, compartiendo la totalidad de Cristo con toda la creación* (2006).\*
- No. 13 Michael J. Sherrill, editor, *Cómo ser una iglesia misional en Japón* (2007).\*
- No. 14 Alicia Horst and Tim Showalter, editores, *BikeMovement: A Mennonite Young Adult Perspective on Church* (2007).\*
- No. 15 Jackie Wyse, *Buscando tesoros en tu propio patio: Reflexiones sobre experimentos misionales en los Países Bajos* (2007).\*
- No. 16 Alan Kreider, *Tornillos en la lengua y testimonio* (2008).\*
- No. 17 Conrad L. Kanagy, *Sin monedero, sin bolsa, sin sandalias: Un perfil de plantadores de iglesias menonitas, 1990-2005* (2008).\*

\* Disponível em espanhol

# O que é um Cristão Anabatista?

Palmer Becker

Existem pessoas de todas as partes do mundo que se desiludiram com formas de cristianismos institucionais ou comprometidos politicamente. Por outro lado, há um interesse crescente em aprender mais sobre o anabatismo e outras tradições da igreja livre, que tem chamado a um retorno radical à fé do Novo Testamento.

Neste pequeno livro, Palmer Becker, que foi pastor menonita e educador em toda sua vida, tenta resumir as convicções anabatistas em três declarações fundamentais: (1) *Jesus* é o centro de nossa fé; (2) *A comunidade* é o centro de nossas vidas; e (3) *A reconciliação* é o centro de nossa obra.

Contrastando essas afirmações com visões divergentes existentes na família cristã mais ampla, Becker desafia os leitores a darem uma nova olhada em Jesus, a comprometer-se mais plenamente na edificação do corpo de Cristo e a dedicar-se mais apaixonadamente à tarefa reconciliadora de Deus no mundo.

*Palmer Becker estudou no Goshen College, Seminário Bíblico Menonita (hoje Seminário Bíblico Menonita Associado), Regent College, e Seminário Teológico Fuller. Tem passado sua vida toda servindo a igreja como pastor, plantador de igrejas, missionário, diretor executivo da conferência, escritor e educador. Becker tem dirigido muitos seminários sobre grupos pequenos, e mais recentemente serviu como diretor do Programa de Ministérios Pastorais do Hesston College. Sua esposa, Ardys, e ele vivem em Kitchner, Ontário Canadá. São pais de quatro filhos adultos.*

Juntos, compartilhando  
**a totalidade de Cristo**  
com toda a criação

**Rede  
Menonita  
de Missão**

A agência missionária  
da Igreja Menonita dos EUA